

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS:
HISTÓRIA DOS ENFERMEIROS NO
HOSPITAL DE CLÍNICAS
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

*Mírian Mendonça Gomes Siqueira¹
Eliana Faria de Angelice Biffi²*

RESUMO: O propósito desse estudo é compreender e resgatar parte do início da História da Enfermagem do HC/UFU e da inserção dos(as) enfermeiros(as), que atuaram no período da federalização da Universidade e da criação da Diretoria de Enfermagem. Para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo com o referencial teórico, da história oral de vida. A amostra constou de sete enfermeiros(as). Foi utilizada entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. As transcrições das entrevistas foram submetidas à análise temática e possibilitaram a síntese das categorias: atuaram no período da federalização do HC/UFU; ênfase no período de atuação no HC/UFU; mudanças que ocorreram no Serviço de Enfermagem após a chegada destes enfermeiros no HC/UFU; a História de Enfermagem no HC/UFU na década de 1970-1980; dificuldades encontradas no início do desenvolvimento do Serviço de Enfermagem no HC/UFU.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Hospital. História oral de vida.

¹ Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mirianbymirian@hotmail.com.

² Professora associada do Curso de Graduação em Enfermagem/Famed/UFU.

ABSTRACT: The purpose of this study was to understand the early history of nursing, HC / UFU and rescue part of the history of the introduction of (the) nurses (as), who acted during the federalization of the University and the creation of the Board of Nursing. For this, we used the qualitative research and descriptive to the theoretical framework, the Oral History of Life. The sample consisted of seven nurses (as). Semi-structured interview was used as a tool for data collection. The interview transcripts were subjected to thematic analysis, allowing the synthesis of the following categories: acted during the federalization of HC / UFU; emphasis on the period of performance in the HC / UFU, changes that occurred in the Nursing Service nurses after their arrival in HC / UFU, the History of Nursing at the HC / UFU in the decade 70-80; difficulties in the early development of nursing services at the HC / UFU.

KEYWORDS: Nursing. Hospital. Oral History of Life.

1. Introdução

O desejo para a realização deste estudo surgiu durante a disciplina de Metodologia aplicada à Enfermagem, a qual despertou o interesse em buscar a história oral de vida dos(as) enfermeiros(as) que atuaram na criação do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC/UFU), no período da federalização da universidade e da criação da Diretoria de Enfermagem.

O HC/UFU pertence à Universidade Federal de Uberlândia. Foi construído como unidade de ensino para o ciclo profissionalizante do curso de Medicina da extinta Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia. Inaugurado em 26 de agosto de 1970, o hospital iniciou suas atividades em outubro do mesmo ano, com apenas 27 leitos. Este hospital tem como missão desenvolver, indissociavelmente e com qualidade, atividades nos níveis de graduação, pós-graduação e educação continuada; promover

atividades de pesquisa, extensão, consultoria, administração e assistência à saúde; respeitar e subsidiar a elaboração de princípios constitucionais do sistema público de saúde; participar da rede de saúde macrorregional como referência dos diferentes níveis de atenção, preferencialmente de maior complexidade.³

A necessidade de conhecer a história da enfermagem no HC/UFU é fundamental, tanto para se entender o presente, como para evitar erros cometidos no passado, ao mesmo tempo em que permite pensar estratégias de intervenções futuras, visando à transformação da realidade. Em outras palavras, o estudo da história da enfermagem pode servir de instrumento para o entendimento das razões de a profissão no HC/UFU ter chegado ao estágio atual dessa forma e não de outra, com as características que tem e não outras, com os problemas que enfrenta e não outros. Deve ainda ajudar a explicar o significado social que a carreira tem numa sociedade como a brasileira, marcada pela violência, por resquícios machistas, extremamente desigual, excludente, elitista, fragmentada e individualista.⁴

Esta pesquisa propôs buscar a metodologia da história oral de vida dos(as) enfermeiros(as) que atuaram no período da federalização da universidade e da criação da Diretoria de Enfermagem. Tem o propósito de compreender o início da história da enfermagem do HC/UFU na ótica dos agentes que atuaram neste período, lidar com parte da história da inserção dos mesmos, ampliar o conhecimento e oferecer subsídios para novas pesquisas na área.

A memória, como fenômeno individual, corresponde às possibilidades de atualização de certas impressões ou informações passadas, mediante funções neuropsíquicas complexas, que atuam seletivamente, segundo estímulos externos e motivações internas. A faculdade de memorizar e de recordar é fundamental

³ HOSPITAL DE CLÍNICAS DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <<http://www.hc.ufu.br/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

⁴ RIZZOTTO, M. L. F. Resgate histórico das primeiras Semanas de Enfermagem no Brasil e a conjuntura nacional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 59, n. esp., p. 423-27, ago. 2006.

para o processo de ensino/aprendizagem, o desenvolvimento da personalidade, a vida de relação e para a integração da pessoa na sociedade.

O ofício do historiador é não somente “o de lembrar o que os outros se esquecem”, mas principalmente o de “compreender e explicar porque as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si”. A principal tarefa do historiador “não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender”; entretanto o que nos dificulta a compreensão “não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou”.⁵

Segundo Barreira (1999), os estudos históricos interessam sobremaneira à Enfermagem, pois a construção de uma memória coletiva é o que possibilita a tomada de consciência daquilo que somos realmente, enquanto produto histórico, o desenvolvimento da autoestima coletiva e a tarefa de (re)construção da identidade profissional.

2. Metodologia

Com o objetivo de lidar com a história da inserção dos(as) enfermeiros(as) do HC/UFU, optou-se pela pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, utilizando-se como referencial teórico a história oral de vida, por meio de depoimentos de enfermeiros(as) que trabalharam no período de criação do HC/UFU, na ocasião da federalização da universidade e da criação da Diretoria de Enfermagem, que se fundamentará nas trajetórias de vidas dos profissionais entrevistados.

História oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que testemunharam acontecimentos, visões de mundo, como forma de se aproximar

⁵ BARREIRA, I. A. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. *Revista Latino Americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, jul. 1999.

do objeto de estudo. Por meio deste método, podem-se estudar os depoimentos dos indivíduos que vivenciaram o fenômeno que se pretende analisar, com ênfase nos elementos e eventos que permitam, por meio da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais.⁶ De acordo com Borelli,

a memória, a experiência e o tempo são fundamentais para essa recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Memória no sentido de fonte do passado no presente, como busca daquele tempo no agora, transcendendo a mera cronologia. O movimento de mergulhar em busca da experiência perdida, de saltar para trás em direção ao passado, poderá permitir a erupção de algo Nov.⁷

As narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. As vivências e as representações individuais ganham relevâncias; as experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são lembradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador.⁸ Após a coleta, as narrativas orais foram transcritas.

Segundo Demartin,⁹ o pesquisador precisa ter a consciência de que estará trabalhando com dois materiais: as memórias faladas, que o pesquisador registra em sua própria memória e que até inconscientemente estarão presentes durante a análise, e o material escrito. Desta forma, tal condição permite a simultânea

⁶ SILVA, C. A.; ALMEIDA, L. C. G. Conhecendo História Oral: uma experiência para a Enfermagem. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 97-101, 2005.

⁷ BORELLI, S.H. S. *Memória e Temporalidade: Diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson*. São Paulo: Educ, 1992.

⁸ FONSECA, S. G. *Ser professor de História: Vidas de Mestres Brasileiros*. 1996. 309 f. Tese Doutorado em História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

⁹ DEMARTINI, Z. B. F. *Trabalhando Com Relatos Oraais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa: reflexões sobre a pesquisa sociológica*, *Coleção Textos*, São Paulo: Ceru, n. 3, 1992, p. 54.

visualização do conjunto das entrevistas, possibilitando, assim, identificar as diferentes informações prestadas sobre um mesmo assunto, o que se torna difícil somente com as gravações.

Ainda que o pesquisador venha registrar um número reduzido de depoimentos, seu objetivo é captar a ideia do grupo, da sociedade da qual ele é parte. Busca, portanto, captar a coletividade a partir dos indivíduos. Não se trata de considerá-los isoladamente, nem de compreendê-los em sua individualidade, ao contrário, o que se pretende é captar, através de seus depoimentos, o que se passa no interior das coletividades da qual participam ou são membros integrantes.¹⁰

Na presente pesquisa, seguimos as recomendações de Amado,¹¹ enfatizando que a ética deverá envolver todo o processo metodológico e técnico ao se trabalhar com história oral. Seja pela fidelidade do pesquisador às palavras e aos sentidos das entrevistas e pelo respeito às solicitações dos entrevistados, como o sigilo da identidade.

2.1 População

Foi composta pelos enfermeiros precursores que participaram ativamente do processo de organização do serviço de enfermagem, incluindo a criação da Diretoria de Enfermagem nas décadas de 1970 a 1980, no Hospital de Clínicas de Uberlândia. Porém, é importante informar que, embora não tenha sido possível entrevistar todos os profissionais que atuaram neste período, pois muitos já se aposentaram e mudaram de cidade, não houve limitação no presente estudo, considerando a metodologia qualitativa utilizada em seu desenvolvimento.

¹⁰ VIETTA, E. P.; MAGALHAES, M. F.; BUENO, L. V.; HECK, A. R. Tomada de depoimento pessoal de enfermeiras hospitalares da década de 50: subsídios para a compreensão da enfermagem atual. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 3, n. 2, p. 19-35, 1995.

¹¹ AMADO, J. A culpa nossa de dada dia. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História/PUC-SP (Dossiê Ética e História Oral)*. v. 15, abr. 1997.

2.2 Instrumento para coleta de dados

Os depoimentos orais foram utilizados para a reconstrução da trajetória da enfermagem no HC/UFU, por meio de entrevistas semiestruturadas do tema em foco, com os enfermeiros assistenciais que atuaram na organização do serviço de enfermagem da instituição.

Para a obtenção dos relatos, os possíveis entrevistados foram convidados a participarem voluntariamente da pesquisa. Foi utilizado o recurso de gravação em fita magnética, mediante prévia aquiescência dos participantes.

A coleta de dados fez-se após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) na referida instituição, pelas pesquisadoras. Foram seguidas as diretrizes e respeitadas as normas, previstas na resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi constituída pelos depoimentos dos enfermeiros que se dispuseram a colaborar com o estudo. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

2.3 Local de realização do estudo

A escolha do horário, data e local das entrevistas ocorreu de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado. A maioria foi realizada em seus domicílios, sendo que três entrevistas ocorreram no local de trabalho dos participantes.

3. Apresentação e análise dos dados

Para realizar a análise das entrevistas, após sucessivas leituras, buscou-se ressaltar as convergências entre os relatos. A seguir, foram elaboradas categorias com as citações transcritas que as representassem. Dessa forma, foi possível destacar as relações que o conteúdo das entrevistas estabeleceu entre si, pois o método com referencial teórico na história oral de vida permite recortes e comparações entre os relatos.

A primeira convergência encontrada está relacionada ao período de federalização do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

3.1 Atuaram no período da federalização do Hospital de Clínicas de Uberlândia

A Escola de Medicina teve os primeiros passos para sua criação em 1966, com a reunião de vários médicos para instituir a mantenedora, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (Femeciu), e recebeu autorização para funcionar em 1968. Segundo Pietro,¹² a Faculdade de Medicina enfrentou diversos problemas para sua instalação: financiamento, por ser uma instituição particular e muito dispendiosa, e também resistências na sociedade médica, receosos de concorrência com os novos profissionais que seriam formados. Contudo, na época não havia em Uberlândia uma rede de atendimento à saúde da população em geral, apenas clínicas particulares. O centro regional de atendimento situava-se em Uberaba, o que era entendido como um desprestígio para os médicos uberlandenses que tinham que encaminhar pacientes até lá. Com a criação da faculdade, Uberlândia passou a ser um centro de referência também na área médica. Outro passo dado rumo à federalização foi a adaptação do estatuto da UnU à reforma universitária de 1968 que, dentre outros temas, previa a estrutura de departamentos e colegiados, além de admitir a reunião de escolas e faculdades em universidades, conforme a conveniência do MEC.

Em todo esse período, algumas dificuldades enfrentadas pela UnU, especialmente as financeiras, fizeram ressurgir a discussão sobre a federalização da universidade – na verdade, sobre a conveniência do poder público em assumir a responsabilidade pela manutenção e desenvolvimento daquela universidade.

O Decreto-Lei nº 762, de agosto de 1969, autorizou o funcionamento da UnU, sendo que sua federalização ocorreu em 1978, com a Lei nº 6.532, a partir de projeto de autoria do

¹² PIETRO, E. C. *Universidade Federal de Uberlândia: recortes de uma história*. Disponível em: <<http://www.adufu.org.br/artigospublicados/29>>. Acesso em: 20 maio 2011.

deputado federal Homero Santos, alterando assim a denominação da instituição para Universidade Federal de Uberlândia (UFU).¹³

Mesmo após a federalização, a UFU continuava cobrando taxas e anualidades de seus alunos, já que os recursos da União não eram suficientes para a manutenção das atividades. Inclusive, a fixação das anualidades e outras taxas constam na lei de federalização como competência do Conselho Diretor da universidade.

Ainda de acordo com Caetano e Dib, a Escola de Medicina, em particular, era favorável à federalização da UnU. De toda a sua estrutura, apenas o hospital-escola recebia verba federal. Outro fator que levava os alunos a apoiar a federalização era o valor alto das mensalidades. A elevação da escola a órgão público também permitiria o melhoramento na infraestrutura dos laboratórios e salas de aulas. Mas foi apenas em 1979, durante o governo do então Presidente João Figueiredo que, de fato, se deu a gratuidade em todos os cursos da UFU.

Nas falas citadas a seguir fica evidente que a maioria dos entrevistados atuava enquanto profissionais no ano da federalização do HC.

fui admitida como enfermeira aqui no hospital, ele se chamava Hospital das Clínicas da Femeciu, que era uma fundação da escola de medicina e cirurgia de Uberlândia. Só a partir de 78 que ele passou a ser considerado Hospital de Clínicas quando houve a federalização da universidade, e era da Faepu nem era da UFU ainda. Mas quando eu ingressei, foi em 1974. (ROSA).

Trabalhei aqui durante 32 anos, vim em 1978 e trabalhei até o ano passado 2010. (SANSÃO).

Esse momento lhes abre possibilidades para refletir que fizeram parte desta história. Verbalizam o fato de se sentirem importantes por terem participado dessa ocasião, de tomar parte

¹³ CAETANO, C. G.; DIB, M. M, ed. *A UFU no imaginário social*. Uberlândia: Edufu, 1988, p. 566.

ativamente na organização de setores, de rotinas do hospital como um todo e em especial na organização do Serviço de Enfermagem. “Olha quando eu cheguei aqui em Uberlândia, em 1978, o hospital se chamava Femeciu. Depois é que ele veio com esse nome de HC/UFU, e nós ajudamos a montar as rotinas das enfermarias, toda a parte de Enfermagem”. (MARGARIDA)

O desvelar dessa faceta é de valor fundamental para compartilhar com esses(as) enfermeiros(as) que atuaram na criação do Serviço e Diretoria de Enfermagem do Hospital Universitário, num processo de interação, exteriorizando a importância deste período em sua vida profissional. “Quando eu cheguei aqui em 1978, o hospital já existia. Era um hospital pequeno, com um número pequeno de leitos, mas eles já existiam. É eu participei da criação, de muitos setores, muitos setores...” (ORQUÍDEA)

3.2 Ênfase no período de atuação no HC/UFU

Existem profissões que são exercidas por vocação. Aqueles que a ela se dedicam têm que sentir em seu interior um chamado especial, pois exigirá uma dedicação total, um espírito de renúncia, um eterno despojar de sua vontade pessoal. Sempre exigirá daquele que a exercer uma disposição que para muitos poderá ser considerado enorme sacrifício, mas que para eles será sua realização pessoal e profissional. Uma dessas profissões é, sem dúvida, a Enfermagem.

No espaço de tempo que cada um destes enfermeiros atuou no hospital, muitos foram os fatos marcantes que emergiram nas entrevistas e que se ligam intimamente com suas experiências de vida e profissionais. Dedicaram seu tempo, esforço e trabalho na estruturação e desenvolvimento da instituição, uns por mais tempo e outros menos, mas com empenho e disposição para atender a demanda do Serviço de Enfermagem do Hospital. Como se pode apreender nesta fala:

nós estávamos começando todos, não só o hospital, mas a profissão de Enfermagem, que estava ainda se redefinindo. Então foi um movimento que apesar da escassez, foi assim uma época, de muitas conquistas, de muitos projetos, projetos realizados. Posso considerar que foi uma época de: “muito querer”, “muito fazer”. Toda a equipe, não só os enfermeiros, trabalhava muito, não sei se era o correto, porque a gente tem que ter um limite, saber falar não, mas foi uma época, você fazia além do seu horário, não tinha hora extra, não tinha nada, mas havia uma construção coletiva de querer (ROSA).

Vale lembrar que alguns desses enfermeiros, além de trabalharem no hospital, simultaneamente atuavam como professores na Escola Técnica de Enfermagem Carlos Chagas (ETECC) nas décadas de 1970 e 1980, posteriormente, ao final da década de 1990, no curso de graduação em Enfermagem da UFU. Em 1991 esta escola recebeu a denominação Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia (ESTES/UFU). Revelam sua dedicação ao processo de cuidado com os pacientes e contribuição para a formação de novos profissionais. Nas falas abaixo transcritas, o vínculo entre assistência e docência é ressaltado:

Trabalhando no hospital e sendo professor da Escola Técnica também. Um tempo depois que a gente trabalhava nos dois, por 60 horas. (NOEL)
já vim pra Uberlândia e já comecei a atuar aqui, não diretamente no hospital, mas contribuindo com a Escola Técnica de Enfermagem Carlos Chagas na época e hoje Escola Técnica de Saúde, que era escola ligada ao Hospital. (ROSA).

A maioria, no entanto, atualmente já não trabalha mais no hospital, por estarem aposentados, sendo que apenas um participante continua trabalhando no HC/UFU. De suas falas emergem alguns fatos:

Desde 1980 até 2002, então 22 anos, depois eu passei pra professor, mas continuei também no hospital, então na realidade são 31 anos de participação no hospital. (ROMEU).

Há 32 anos, agora pouco tempo que eu afastei. Entrei em 1978 e fiquei até 2010. (NOEL).

Trabalhei aqui durante 32 anos, vim em 1978 e trabalhei até o ano passado 2010. (SANSÃO).

Eu fui admitida em 1978, e eu saí de lá em 2006, me aposentei em setembro de 2006. (MARGARIDA).

cheguei aqui em 1978. Agora em Julho, vai fazer 33 anos. (ORQUÍDEA).

Nestes relatos, os enfermeiros reafirmam a postura de plena doação em prol do desenvolvimento do hospital como um todo, não só do Serviço de Enfermagem. Estas falas estão em consonância com as preocupações da categoria no Brasil da década de 1970 que buscava, por meio do aumento da produção intelectual do enfermeiro, atender às necessidades correspondentes à parte do processo de trabalho que executam nas Instituições da saúde e a formação de recursos humanos.¹⁴

3.3 Mudanças no Serviço de Enfermagem após a chegada dos enfermeiros

Na perspectiva dos profissionais participantes do estudo, fica claro que mudanças ocorreram após o ingresso destes no Hospital de Clínicas de Uberlândia, conforme observa-se nas transcrições abaixo:

Mas com o tempo eu consegui que a enfermagem ficasse subalterna só mesmo ao departamento de enfermagem, que ninguém mais podia mandar na enfermagem. Primeiro nós colocamos o enfermeiro

¹⁴ ROCHA, S. M. M.; SCOCHI, C. G. S.; LIMA, R. A. G. O Conhecimento em Enfermagem Pediátrica; Livros editados no Brasil de 1916 a 1988. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 77-91, jul. 1993.

responsável pela unidade, depois acima dele vinha o supervisor de enfermagem e depois a chefia de enfermagem (TULIPA).

A gente teve que lutar muito, inclusive os médicos também não aceitavam muito a gente. Foi um período muito difícil. E que a gente foi lutando e conseguindo ganhar espaço, mostrando o nosso trabalho, a importância da presença, do trabalho bem feito, do conhecimento, e com isso foi melhorando o ambiente, até que nós tornamos esse hospital aí completo, com enfermeiros em todos os lugares, e com eficiência espetacular (MARGARIDA).

Os médicos também não estavam acostumados com aquele número de enfermeiros chefiando o setor, antes, era a chefia de técnicos, talvez mais submissos que a gente, e nós começamos então a dar mais ordens, controlar mais, organizar mais. As supervisoras cobravam muito da gente..., nós tínhamos que trabalhar mesmo, ser muito pontuais, assíduos, muito bem uniformizado, dar o exemplo mesmo de chefia, não podia ser mais ou menos, então nós éramos assim “na linha” (SANSÃO).

E nessa época que chegamos em 78, tinha muita liberdade de médico sentar em balcão, fumar no pronto socorro, andar... E nós fomos cortando aquilo tudo. Material nós organizamos muito. Implantamos aquela passagem de plantão bem rigorosa, já tinha, mas intensificamos mais. Os cuidados de enfermagem não tinha prescrição, mas a gente verbalmente passava em um por um, e chamava a equipe, e dava ordens de enfermagem verbal, e algumas em livro (SANSÃO).

A análise destes depoimentos demonstra que a inserção deste grupo de profissionais causou um impacto positivo não só no desenvolvimento da organização do Serviço de Enfermagem do Hospital de Clínicas na década de 1970, culminando na criação da Diretoria de Enfermagem em 1980, mas propiciou também o desenvolvimento de outros serviços de saúde na comunidade de Uberlândia, considerando, entre outras ações, a participação ativa como na formação de auxiliares e técnicos em Enfermagem pela ESTES/UFU, confirmando igualmente um grande senso de responsabilidade social.

A Escola Técnica de Enfermagem deu um impulso ao desenvolvimento do Serviço de Enfermagem do HC, pela atuação dos seus alunos. Em sua pesquisa, Faleiros revelou que 66,4% dos 436 egressos foram absorvidos pelo Hospital de Clínicas, no período de 1973 a 1993.¹⁵ O corpo docente da ESTES, de 1973 a 1975, foi formado por enfermeiros que atuavam no HC, que além de exercerem as funções assistenciais e administrativas nesse setor, também ministravam aulas de enfermagem na escola. Estabeleceu-se, assim, um modelo de trabalho docente assistencial que contribuiu para o desenvolvimento do Serviço de Enfermagem do HC.

O início do curso de graduação em Enfermagem junto à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, em 1999, ocorreu pelo trabalho deste grupo de profissionais, vindo a coroar com êxito o esforço na busca pela qualificação profissional por meio de cursos de pós-graduação *latu e stricto sensu* conforme evidenciaram as falas acima.

Outra importante mudança foi o aumento do número de enfermeiros atuando no HC. Estudos¹⁶ apontaram que, em 1994, havia 63 enfermeiros trabalhando em Uberlândia. Os estudos de Martins e Biffi¹⁷ evidenciaram que, em 2007, havia 146 enfermeiros atuantes só no HC/UFU, sendo que 82% possuíam título de especialista, 7,54% eram mestres e 2,83% eram mestrandos, além de um enfermeiro doutor. Destes profissionais, 30,29% foram graduados pela Universidade Federal de Uberlândia. No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, a atuação da UFU abrange cerca de

¹⁵ FALEIROS, E. M. *Fazer, Existir, Ser: O Curso Técnico de Enfermagem da Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia*. 1997. Dissertação de Mestrado em Educação - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

¹⁶ VIEIRA, M. G. A.; ANTUNES, A. V. Evolução da força de trabalho em enfermagem no município de Uberlândia no período de 1994 a 2002. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 8, p. 301-306, abr./jun. 2004.

¹⁷ MARTINS, K. C.; BIFFI, E. F. A. *Caracterização do enfermeiro do Hospital de Clínicas de Uberlândia HCU/UFU*. 2007. 49 f. Trabalho de conclusão de Curso de Enfermagem – Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

cem municípios, que somam mais de três milhões de habitantes, mas se estende por outras partes consideráveis das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Neste contexto regional, ao longo de vinte e oito anos, a UFU tornou-se a principal instituição ofertante de ensino, pesquisa e extensão universitária com qualidade, sendo importante mencionar, ainda, a atuação de seu Hospital de Clínicas como centro de referência em saúde pública. A UFU hoje é uma instituição de educação superior em expansão, integrante do Sistema Federal de Ensino, e que se expande para outros municípios – como Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas.

Vale enfatizar uma citação anterior no presente trabalho, mostrando que o Hospital de Clínicas foi construído como unidade de ensino para o ciclo profissionalizante do curso de Medicina da extinta Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, inaugurado em 26 de agosto de 1970, com 27 leitos (FAMED/UFU). Em 2006, o HC/UFU transformou-se em centro de referência para média e alta complexidade, prestando atendimento a uma população de quase três milhões de habitantes de 86 municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Com 503 leitos e 3.385 funcionários, o hospital realiza por dia uma média de 2.659 atendimentos, sendo o maior hospital prestador de serviço pelo Sistema Único de Saúde de Minas Gerais.

Para finalizar a análise desta categoria, concordamos com Pires,¹⁸ que afirma que o trabalho da enfermagem se estruturou historicamente pela égide da divisão parcelar ou pormenorizada do trabalho. Efetivamente a partir da década de 1980, a enfermagem vem se posicionando de maneira mais crítica e buscando a construção de um corpo de conhecimentos contextualizado com os novos pressupostos do processo saúde-doença e dos processos de trabalho da enfermagem na produção geral de saúde no Brasil.¹⁹

¹⁸ PIRES, D. *Hegemonia médica na saúde na saúde e a enfermagem: Brasil: 1500 a 1930*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 137-146.

¹⁹ PAULA, A.F.; et al. Processo de Trabalho em Enfermagem: Relação Passado, Presente, Futuro. *Revista Mineira de Enfermagem*, 5 (1/2), p. 67-72, jan./dez. 2001.

3.4 Uma história de Enfermagem no Hospital de Clínicas na década de 1970-1980 e o contexto da Enfermagem brasileira

Visando contextualizar a situação da enfermagem brasileira nas décadas de 1970 e 1980, é importante dizer que a categoria se configurava como área prioritária para estudos no Ministério da Educação, sendo este tema enfatizado na *Revista Brasileira de Enfermagem* em abril de 1974. À época, foi noticiado na revista e jornais que a Enfermagem foi colocada como prioritária nos estudos que deveriam ser realizados pela Comissão do Ensino Médico do Ministério da Educação e Cultura, e que deveriam ser incluídos planos e diretrizes para a formação de pessoal de enfermagem, baseados não só nas necessidades e recursos, mas também em qualificação de profissionais promissores.

De acordo com a Associação Brasileira de Enfermagem, naquele período era notória a necessidade da graduação de mais enfermeiros para todas as diferentes regiões do Brasil. A profissão de enfermeiro figurava entre as dez profissões técnico-científicas postas em prioridade, em 1974, pelos órgãos competentes. Naquele ano, havia a estimativa de um número de graduados em cursos de Enfermagem inferior a 700 no país no ano anterior, e que o mercado de trabalho tinha capacidade de absorção do dobro desse número.²⁰

Como era uma necessidade nacional, em Uberlândia não era diferente. Havia urgência em contratação de mais enfermeiros para atuarem no HC, conforme os relatos dos participantes:

A gente sentia a necessidade, para o desenvolvimento do próprio Hospital, a criação de uma escola de nível superior de enfermagem aqui na UFU. Eu participei desde o início das reuniões para discutir de assuntos da enfermagem, direcionando para a criação de um curso superior. (NOEL).

Então a gente tinha os auxiliares com a função de chefia de unidade, de acordo com competência, habilidade, tempo de serviço, e eles eram designados para chefiar a unidade. (ROSA).

²⁰ IMPERIAL, M. G. C. Discurso da 1ª Vice-Presidente da ABEn. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 273-275, jul./set. 1974.

Enquanto o Hospital de Clínicas passava pelo processo de federalização em 1978 e os enfermeiros, conforme relatos neste trabalho, solicitaram e conseguiram da Reitoria da UFU a contratação de mais colegas, em nível nacional ocorria o XXX Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn) em Belém. Nesse Congresso, um dos temas tratados foi “A assistência e ensino de Enfermagem”. Nele, apresentaram-se as condições da assistência de enfermagem no país, confirmando, mais uma vez, que o número de enfermeiros ainda era insuficiente.

São escassos os quantitativos, para fazer-se face à elaboração de programas em seguida aos planos de saúde. Entretanto, um fato de grande significação ocorreu: o Ministério da Educação e Cultura mostrou-se impressionado com essa necessidade numérica de enfermeiros, segundo lhe teria sido descrito pelos Ministérios da Saúde e da Previdência e Assistência Social²¹.

As falas dos(as) enfermeiros(as) evidencia o texto transcrito acima:

Com curso superior em Enfermagem eram poucos enfermeiros. Então algumas unidades tinham o que chamávamos de chefia de Enfermagem com nível superior, outras não. (MARGARIDA)
quando chegamos aqui, eram pouquíssimos enfermeiros, e esses enfermeiros eram professores da Escola Técnica de Enfermagem do nível médio, e também eram enfermeiros assistenciais. (ORQUÍDEA)

A gente tinha muita falta de enfermeiros, aí procurava, procurava. E por fim a gente foi conseguindo. Primeiro nós colocamos o enfermeiro responsável pela unidade, depois acima dele vinha o supervisor de enfermagem e depois a chefia de enfermagem. (TULIPA)

²¹ EDITORIAL. Enfermeiros no país - Quantidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 5-6, jan./fev./mar. 1978.

Dificuldades encontradas no início do desenvolvimento do Serviço de Enfermagem no HC/UFU

A dificuldade mais relatada pelos participantes da pesquisa está relacionada com a organização do trabalho de enfermagem. Na época que foram admitidos no Hospital de Clínicas, a maioria das enfermarias era chefiada por técnicos e auxiliares de enfermagem, fato que dificultou, de certa forma, a plena inserção dos enfermeiros na equipe, conforme alguns depoimentos expressam:

Apesar de que quando chegamos ficava na mão das chefias que eram feitas por técnicos em enfermagem. E nós tivemos dificuldade porque tinha técnicos antigos no hospital, que já estavam no cargo de chefia há muito tempo, e nós ocupamos o lugar, o espaço que eram deles, e isso gerou talvez uma insatisfação em alguns, e foi um pouco polêmico (SANSÃO).

Mas quando eu cheguei aqui à maioria das enfermarias eram chefiadas por técnicos ou auxiliares de enfermagem. Tanto que a gente teve assim dificuldade..., eles eram chefes de unidade, e eles não queriam, porque a gente veio para tomar o lugar deles, e eles não gostaram disso, eles queriam ter continuado, com os cargos de chefia, mas a lei veio a ter enfermeiro com o curso superior, eles tiveram que afastar, mas foi muito difícil. (MARGARIDA).

Vale destacar que a inserção dos(as) enfermeiros(as) em Uberlândia ocorreu inicialmente com profissionais vindos de outros municípios de Minas Gerais e de outros estados, em busca de um espaço na cidade de Uberlândia nas décadas de 1960 e 1970, especialmente com a inauguração do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, na década de 1970.

Outro ponto a destacar é que a criação da primeira escola de graduação em Enfermagem do Triângulo Mineiro só ocorreu em 1989, na então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, em Uberaba. Assim, os enfermeiros participantes da pesquisa haviam se graduado em outras regiões de Minas Gerais e em

outros estados havia mais de uma década antes da criação do primeiro curso de Enfermagem da região. Este fato contribuiu para confirmar uma das dificuldades apontada nas entrevistas, que foi o desconhecimento da existência da categoria profissional por diferentes setores da comunidade, agravado pela ausência do Conselho Regional de Enfermagem na região:

na época não tinha o COREN [Conselho Regional de Enfermagem], o COFEN [Conselho Federal de Enfermagem], que apesar de existir, ainda estávamos estruturando, porque não tinha resoluções e pareceres que normatizavam e colocavam a obrigatoriedade do enfermeiro, depois é que realmente com os conselhos vindo pra cá, com as novas resoluções, houve realmente um fortalecimento da profissão de enfermagem, e que as categorias foram mais respeitadas com relação às suas funções (ROSA).

Não tinha a faculdade de Enfermagem, e foi criada bem depois. Então o enfermeiro também não era conhecido na época, porque não tinha nenhuma faculdade nessa região. Eram todas longe, parece que tinha em Goiânia, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ribeirão Preto, e o número de enfermeiros nem aparecia aqui, era difícil de conseguir um (SANSÃO).

Prosseguindo com a análise desta questão, pode-se enfatizar que, apesar da Lei nº 5.905, sancionada em 1973, criando o Conselho Federal (COFEN) e o Conselho Regional de Enfermagem (COREN), definidos como autarquias, vinculados ao Ministério do Trabalho, por força das normas dos Decretos 60.900/69 e 74.00/74, somente em abril de 1975 foi empossada a primeira diretoria do Conselho Federal de Enfermagem no Brasil.²²

Para situar este período, observa-se que a enfermagem no âmbito nacional, de acordo com Costa e Oliveira,²³ já demonstrava sua preocupação com questões relacionadas ao

²² CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM-COREN. *Legislação e Normas*. Belo Horizonte, 2003.

²³ COSTA, R. O.; OLIVEIRA, I. C. S. Produção Científica dos Congressos Brasileiros de Enfermagem nos anos 70: Contribuição para a Enfermagem Pediátrica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 8, n. 1, p. 83-90, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

exercício profissional, fato evidenciado pelos temas discutidos no Congresso Brasileiro de Enfermagem nos anos de 1973, 1974 e 1975, que enfocavam as seguintes questões: “O currículo mínimo do curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia”; “Problemas relacionados com o ensino e o exercício da Enfermagem nas áreas: médico-cirúrgica, materno-infantil, administração, saúde pública e humanização da Enfermagem”; “As necessidades psicossociais e psico-espirituais dos pacientes”; “Liderança”; “Educação em Enfermagem”; “Aspectos assistenciais de Enfermagem”; “Problemas de infecções hospitalares”. No entanto a nível local a preocupação da enfermagem precursora do Hospital de Clínicas de Uberlândia era com a falta de uma coordenação de enfermagem, pois a categoria era chefiada por médicos. É o que evidencia o depoimento de Tulipa:

Quando eu peguei o hospital, fui chefiar o hospital, eu tive muitos problemas porque, “todo mundo mandava em todo mundo”. Então até eu puxar a rédea disso tudo, levou um tempo. Mas aos poucos eu fui colocando as pessoas no lugar delas, por exemplo, o técnico, o auxiliar, o MÉDICO. Porque o médico mandava na Enfermagem. E pra tirar isso foi uma dificuldade muito grande (TULIPA).

Já na década de 1980 uma das preocupações da categoria no Brasil, era com a qualidade da assistência de enfermagem e com a capacitação em serviço do expressivo número de atendentes ocupacionais sem preparo técnico que atuavam na enfermagem.²⁴

Não obstante, vale ressaltar que a busca pelo crescimento profissional da enfermagem continua sendo a mola propulsora que caracteriza a profissão enquanto prática social comprometida com as necessidades de saúde da população.²⁵

²⁴ VIETTA, E. P.; UEHARA, M.; SILVA NETTO, K. A. Depoimentos de enfermeiras hospitalares da década de 80 - subsídios para a compreensão da enfermagem atual. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 6, n. 3, p. 107-116, 1998.

²⁵ ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, S. M. M. *O trabalho de enfermagem*. São Paulo: Cortez; 1997, p. 13-26.

4. Considerações finais

É importante considerar duas razões para rever a história da enfermagem em uma instituição como o Hospital de Clínicas da UFU: compreender melhor o seu passado e planejar o seu futuro. Esta pesquisa buscou contribuir para a reflexão sobre os determinantes sociais e culturais que permitiram que se chegasse a este desenvolvimento da profissão, a este processo organizativo presente no HC/UFU, a este nível de formação e de representação.

Para a realização deste estudo, foram ouvidas as histórias narradas por sete enfermeiros(as), visando a compreender o significado de suas vivências enquanto profissionais atuantes no HC/UFU nas décadas de 1970 e 1980, período em que aconteceu a federalização do Hospital de Clínicas e a criação da Diretoria de Enfermagem. Para realizar a análise das entrevistas, após sucessivas leituras, buscou-se ressaltar as convergências entre os relatos. Para este fim, foi utilizado o referencial teórico da pesquisa qualitativa com abordagem na história oral de vida, sendo elaboradas as seguintes categorias oriundas das falas dos enfermeiros:

- atuaram no período da federalização do Hospital de Clínicas de Uberlândia;
- ênfase no período de atuação no HC/UFU;
- mudanças que ocorreram no Serviço de Enfermagem após a chegada destes enfermeiros no HC/UFU;
- a história da enfermagem no HC/UFU nas décadas de 1970-1980 e o contexto da enfermagem brasileira;
- dificuldades encontradas no início do desenvolvimento do Serviço de Enfermagem no HC/UFU.

Com este método, foi possível destacar as relações que o conteúdo das entrevistas estabeleceram entre si, desvelando as memórias e narrativas dos participantes desta pesquisa que atuaram no Hospital de Clínicas de Uberlândia, em especial nas décadas de 1970 e 1980, participando ativamente no período

que se tornou um marco para o desenvolvimento do serviço de Enfermagem desta instituição de saúde e da Universidade Federal de Uberlândia.

Espera-se, com o desenvolvimento desta pesquisa, que as informações coletadas por meio das entrevistas com os(as) enfermeiros(as) sirvam de referência para compreender o início da história da enfermagem do HC/UFU, ampliar o conhecimento e oferecer subsídios para novas pesquisas na área.

Recebido em: 14/3/2012

Aprovado em: 9/5/2012